

SILÊNCIO DIGITAL: A PLATAFORMA MAIS INGLÊS E A INVISIBILIZAÇÃO DE SUJEITOS NA EDUCAÇÃO PÚBLICA DE MT

DIGITAL SILENCE: THE MOST ENGLISH PLATFORM AND THE
INVISIBILIZATION OF SUBJECTS IN PUBLIC EDUCATION IN MT

SILENCIO DIGITAL: LA PLATAFORMA MÁS INGLÉS Y LA INVISIBILIZACIÓN
DE SUJETOS EN LA EDUCACIÓN PÚBLICA DE MT

Jose Isavam Oliveira Silva

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)
ORCID: [0009-0005-2026-7129](https://orcid.org/0009-0005-2026-7129)
Cuiabá, Mato Grosso, Brasil

Juliana Faltz Taborelli

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)
ORCID: [0009-0006-9215-2475](https://orcid.org/0009-0006-9215-2475)
Cuiabá, Mato Grosso, Brasil

Danie Marcelo de Jesus

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)
ORCID: [0000-0002-6547-5037](https://orcid.org/0000-0002-6547-5037)
Cuiabá, Mato Grosso, Brasil

Recebido: 08/07/2025 / Aprovado: 25/09/2025

Como citar: SILVA, J. I. O.; TABORELLI, J. F.; JESUS, D. M. de. Silêncio Digital: a plataforma Mais Inglês e a invisibilização de sujeitos na educação pública de MT. Revista GEMInIS, 16, p. 415–434, 2025.

Direito autoral: Sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 3.0 Internacional.

RESUMO

O artigo analisou reportagens sobre políticas educacionais em Mato Grosso, com destaque ao discurso do Secretário de Educação. Com base em Laval (2010), Van Leeuwen (2016) e Spivak (2010), aplicou-se a análise crítica do discurso para revelar como narrativas institucionais silenciam professores e estudantes. Identificou-se que o discurso oficial reforça a lógica neoliberal e o apagamento das desigualdades, promovendo um epistemicídio simbólico ao desvalorizar saberes locais. Concluiu-se que a retórica da modernização educacional legitima e perpetua estruturas de poder desiguais na educação pública.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Políticas Educacionais; Silenciamento Discursivo.

ABSTRACT

The article analyzed news reports on educational policies in Mato Grosso, highlighting the discourse of the Secretary of Education. Drawing on Laval (2010), Van Leeuwen (2016), and Spivak (2010), critical discourse analysis was applied to reveal how institutional narratives silence teachers and students. The study found that official discourse reinforces neoliberal logic and conceals social inequalities, promoting a symbolic epistemicide by devaluing local knowledge. It concludes that the rhetoric of educational modernization legitimizes and perpetuates unequal power structures within public education.

Keywords: Discourse Analysis; Educational Policies; Discursive Silencing.

RESUMEN

El artículo analizó reportajes sobre políticas educativas en Mato Grosso, destacando el discurso del Secretario de Educación. Basado en Laval (2010), Van Leeuwen (2016) y Spivak (2010), se aplicó el análisis crítico del discurso para revelar cómo las narrativas institucionales silencian a docentes y estudiantes. Se identificó que el discurso oficial refuerza la lógica neoliberal y oculta las desigualdades sociales, promoviendo un epistemicidio simbólico al desvalorizar los saberes locales. Se concluye que la retórica de la modernización educativa legitima y perpetúa estructuras de poder desiguales en la educación pública.

Palabras Clave: Análisis del Discurso; Políticas Educativas; Silenciamiento Discursivo.

INTRODUÇÃO

O avanço das plataformas digitais no ensino público brasileiro, especialmente na área de Língua Inglesa, foi acompanhado por discursos que associaram tecnologia e modernização educacional. Iniciativas como o *Inglês Paraná* e o *Mais Inglês* (MT) foram apresentadas como símbolos de inovação e eficiência, mas também revelaram uma dimensão ideológica, ao funcionarem como instrumentos de controle, padronização e apagamento de sujeitos escolares.

Este estudo realizou uma análise do discurso institucional sobre a plataforma Mais Inglês, da Seduc-MT, investigando como o discurso oficial construiu legitimidades, representou os sujeitos e reproduziu silenciamentos simbólicos. A pesquisa partiu da ideia de que a linguagem é uma prática social permeada por relações de poder, nas quais a visibilidade ou invisibilidade dos atores reflete disputas por reconhecimento e hegemonia.

Ao examinar reportagens institucionais, o estudo evidenciou efeitos de subalternização e exclusão discursiva, contribuindo para o debate sobre a plataformização da educação pública e suas implicações políticas, pedagógicas e simbólicas.

Esse fenômeno insere-se em um contexto mais amplo de reconfiguração neoliberal da educação brasileira, intensificado pela Reforma do Ensino Médio (2017/2022) e pela BNCC, que reforçaram a lógica de mercado, a terceirização de conteúdos e a ênfase em competências técnicas e mensuráveis. As tecnologias digitais, apresentadas como soluções inovadoras, consolidaram processos de privatização e responsabilização individual, deslocando o foco da formação crítica para o desempenho e a eficiência.

Assim, o estudo buscou compreender os mecanismos discursivos que sustentam essa racionalidade, analisando como ativação, passivação, exclusão e impersonalização moldaram as representações dos sujeitos educacionais e naturalizaram políticas neoliberais no discurso midiático sobre a educação pública de Mato Grosso.

MATERIAIS E MÉTODOS

Desde o seu lançamento, a Plataforma *Mais Inglês*, da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (Seduc-MT), foi amplamente divulgada pela mídia regional e institucional, evidenciando seu impacto e relevância no cenário educacional do estado. Um levantamento realizado identificou pelo menos dezesseis (16) reportagens publicadas entre dezembro de 2023 e maio de 2025 em portais como *Secom-MT*, *Primeira Hora*, *Notícia Max*, *A Notícia MT* e *Semana7*. Essas matérias destacaram aspectos considerados essenciais da plataforma, como acessibilidade, personalização da

aprendizagem e integração com tecnologias assistivas, que a tornam mais inclusiva para estudantes com deficiências visuais ou dislexia.

Um exemplo emblemático foi apresentado no programa *Bom Dia Mato Grosso* (TVCA), em maio de 2024, que exibiu casos reais de estudantes beneficiados pela iniciativa - entre eles, uma aluna cega que conquistou aprovação em um programa de intercâmbio graças ao uso intensivo da plataforma. Essa narrativa midiática reforçou o discurso institucional de que o projeto representa um avanço na democratização do ensino de língua inglesa na rede pública estadual.

Para esta pesquisa, foi selecionado um *corpus* por amostragem intencional, composto por três (3) reportagens institucionais publicadas entre 2023 e 2025. Todos os materiais analisados compartilham o mesmo enfoque: divulgar as ações da Seduc-MT, com destaque para as declarações do Secretário de Estado de Educação, Alan Resende Porto. A escolha desse recorte deve-se à sua relevância discursiva na consolidação de uma imagem pública de eficiência, inovação e compromisso com a modernização educacional.

A investigação adotou a Análise do Discurso como abordagem metodológica de natureza qualitativa, concentrando-se nos enunciados produzidos e disseminados em meios digitais, nas falas do secretário durante a promoção da Plataforma Mais Inglês. Essa perspectiva analítica insere-se no fenômeno da platformização da educação pública em Mato Grosso, entendido como um processo que articula inovação tecnológica, racionalização administrativa e reconfiguração simbólica do espaço educacional.

Inspirada nas contribuições de Marie-Anne Paveau (2017), a análise considera que os discursos digitais não podem ser compreendidos de forma isolada do ambiente técnico que os produz. Paveau propõe a noção de tecnodiscurso, segundo a qual a materialidade tecnológica - interfaces, algoritmos, plataformas e dispositivos - participa ativamente da construção de sentidos e da constituição dos sujeitos. Assim, as falas institucionais sobre a plataforma *Mais Inglês* são analisadas como discursos tecnomediados, em que a linguagem e a técnica se entrelaçam para legitimar determinadas visões de modernização e eficiência no ensino público. Essa perspectiva permitiu compreender como o digital não apenas veicula o discurso, mas o coproduz, moldando as formas de representação, de poder e de subjetivação que atravessam o campo educacional contemporâneo.

A fundamentação teórica baseou-se em uma triangulação conceitual entre Christian Laval (2010), Gayatri Chakravorty Spivak (2010) e Theo van Leeuwen (1997, 2008, 2016), autores que contribuem para compreender as relações entre poder, representação e silenciamento nos discursos analisados. Essa base teórica permitiu mapear as estratégias discursivas de legitimação e os mecanismos simbólicos de exclusão e hierarquização dos sujeitos envolvidos na política pública.

A análise concentrou-se em três (3) reportagens principais: uma veiculada pela Seduc-MT (10/10/2023), outra pelo portal *Olhar Direto* (14/03/2024) e a terceira pelo site *R7* (13/03/2024). A seleção dessas fontes se justificou por seu caráter institucional e por sua função discursiva de legitimação das políticas públicas educacionais. Além disso, sua centralidade na construção da imagem da Plataforma *Mais Inglês* como símbolo de modernização tecnológica e pedagógica reforça o papel da mídia na produção e circulação de sentidos sobre a educação pública mato-grossense.

Para a sistematização da análise, foi elaborada uma planilha analítica contendo os seguintes critérios de observação:

- Trecho do discurso;
- Verbos utilizados;
- Finalidade da fala;
- Linha e parágrafo no *corpus*.

Quadro 1 - Modelo de Planilha Analítica – Análise Discursiva da Reportagem

Trecho Narrativo (Citação da Reportagem)	Verbos (ações principais)	Objetivo da Fala	Tipo de Representação (Van Leeuwen)	Sujeito Representado	Localização
"O secretário destacou que a plataforma é uma inovação..."	destacou, é	Enfatizar inovação tecnológica e legitimidade da política	Inclusão (nomeação e tematização do Secretário)	Secretário de Educação	Linha 12 / §3

Fonte: Elaborado pelos autores, fundamentado por Leeuwen, 2008.

Esses parâmetros permitiram mapear as estruturas linguísticas e discursivas empregadas nas reportagens e identificar os mecanismos de representação e silenciamento de sujeitos sociais, possibilitando uma leitura crítica da construção simbólica da política educacional no contexto mato-grossense. Essa estrutura analítica possibilitou compreender como os sujeitos foram nomeados ou omitidos e de que modo se construíram os sentidos que sustentaram a política pública investigada.

Com base nessa organização, os dados foram confrontados com as categorias teóricas propostas pelos três autores, em um movimento de análise que buscou identificar:

- a presença de valores e estratégias neoliberais (Laval),
- os mecanismos de apagamento e hierarquização de vozes (Spivak),
- e os modos de representação dos sujeitos sociais (Van Leeuwen).

Essa triangulação teórica viabilizou uma leitura crítica e articulada dos discursos institucionais, evidenciando como esses discursos operaram na produção de sentidos, na legitimação de práticas políticas e na constituição de sujeitos no campo da educação pública.

PLATAFORMAS DIGITAIS E ENSINO DE INGLÊS: REPRESENTAÇÕES, CRENÇAS E DESAFIOS NA EDUCAÇÃO PÚBLICA

A incorporação de plataformas digitais no ensino-aprendizagem da língua inglesa tem se expandido em diversas redes estaduais brasileiras, refletindo a aposta das políticas públicas na tecnologia como meio de democratizar o acesso ao idioma. Iniciativas como a *Mais Inglês*, em Mato Grosso, e a *Inglês Paraná*, no Paraná, exemplificam essa tendência de modernização do ensino público. Entretanto, a eficácia dessas ferramentas depende da escuta ativa dos sujeitos envolvidos - professores e alunos - e da adequação dos conteúdos ao contexto sociocultural em que estão inseridos (Marson; Camargo, 2024; Santana; Santana; Figueiredo, 2021).

No estudo de Marson e Camargo (2024), realizado com professoras da rede estadual paranaense, emergiram crenças predominantemente negativas acerca da Plataforma *Inglês Paraná*. As docentes relataram dificuldades em contextualizar os conteúdos, ausência de progressão didática e distanciamento das atividades em relação à realidade dos estudantes. Além disso, criticaram a padronização das tarefas para diferentes níveis de ensino, observando que “as atividades são as mesmas tanto para alunos do fundamental quanto do médio” (P3). Essa padronização, conforme destacam os autores, contribui para a desmotivação discente e fragiliza o papel mediador do professor, comprometendo o processo educativo.

No artigo de Santana, Santana e Figueiredo (2021), que analisa criticamente o discurso da notícia oficial de lançamento da Plataforma *Inglês Paraná*, observa-se a construção do Estado como agente central e beneficente no processo de ensino mediado pela tecnologia. A tecnologia e a língua inglesa são representadas como forças transformadoras, responsáveis por aprimorar os processos educacionais e preparar os alunos para o mercado de trabalho e a vida social. Contudo, tal discurso reproduz o que Selwyn (2013) denomina *de-escolarização*, ao pressupor que o aprendizado tecnológico ocorre de forma autônoma e individualizada, desconsiderando a mediação docente e as especificidades do contexto escolar.

Essas análises convergem para a necessidade de uma reflexão crítica sobre o uso de plataformas digitais na educação pública. Embora reconheçam o potencial inovador dessas ferramentas, enfatizam que sua efetividade depende do reconhecimento das crenças de professores e alunos, bem como da adaptação dos conteúdos às suas realidades. Assim, para que tais tecnologias cumpram seu papel democratizador, é fundamental que as políticas públicas promovam práticas pedagógicas sensíveis às especificidades do ambiente escolar e que valorizem o papel do professor como mediador no processo de ensino-aprendizagem (Marson; Camargo, 2024; Santana; Santana; Figueiredo, 2021; Selwyn, 2013).

A partir da perspectiva da Análise Crítica do Discurso, destaca-se a contribuição de Marie-Anne Paveau, linguista e pesquisadora francesa, professora na Universidade Paris 13 (*Sorbonne Paris-Nord*). A autora é reconhecida por suas reflexões sobre a Análise do Discurso Digital, nas quais investiga como as tecnologias transformam as práticas discursivas e reconfiguram as relações entre linguagem, poder e técnica. Paveau propõe conceitos como tecnodiscurso, tecnogênero e tecnosigno, que permitem compreender a linguagem no ambiente das redes e plataformas online. Para a pesquisadora, o discurso digital não pode ser separado de sua materialidade técnica, pois dispositivos, algoritmos e interfaces participam ativamente da produção de sentidos e da constituição dos sujeitos contemporâneos.

Nesse mesmo horizonte crítico, Van Leeuwen (2008) oferece uma chave interpretativa importante ao demonstrar que as representações discursivas dos sujeitos em documentos e políticas institucionais refletem relações de poder. Um dos conceitos centrais propostos pelo autor é o de passivação, que ocorre quando atores sociais são apresentados como pacientes da ação, e não como agentes. No discurso institucional de plataformas educacionais, como o *Inglês Paraná*, expressões como “foi disponibilizada”, “é ofertada aos estudantes” ou “implantada pela Seduc” evidenciam essa passivação, uma vez que os estudantes são representados como meros receptores de políticas públicas, sem agência ou participação nas decisões sobre seu próprio processo formativo.

Essas práticas discursivas dialogam com a crítica formulada por Gayatri Spivak (1988) em seu ensaio clássico *Can the Subaltern Speak?*, no qual problematiza o silenciamento dos sujeitos subalternos pelos discursos institucionais. Para Spivak, o subalterno “não pode falar” quando suas experiências são substituídas por narrativas produzidas por outros - técnicos, gestores ou intelectuais -, configurando uma forma de violência epistêmica. No contexto das plataformas educacionais, esse silenciamento se manifesta quando os conteúdos são elaborados sem diálogo com professores e estudantes, sendo impostos como pacotes pedagógicos prontos, desconsiderando a diversidade de vozes e contextos locais do processo de ensino e aprendizagem.

A pesquisa de Silva (2023), intitulada *O Ensino da Língua Inglesa através da Plataforma Mais Inglês em MT*, conduzida como parte de um estágio supervisionado com turmas do 1º ano do Ensino Médio, evidencia limitações na efetividade da plataforma mato-grossense. Dos 57 alunos convidados, apenas 24 participaram do questionário, e os dados revelaram desafios: dez estudantes relataram dificuldade de interpretação textual e seis afirmaram compreender as atividades apenas com o auxílio do *Google Tradutor*. Além disso, a maioria declarou que os textos não fazem parte de seu cotidiano, apontando para uma desconexão entre os materiais propostos e os repertórios culturais dos discentes.

Esses resultados reforçam a crítica de Cope e Kalantzis (2000) em *Multiliteracies: Literacy Learning and the Design of Social Futures*, na qual os autores defendem que o ensino de línguas deve contemplar a diversidade de linguagens, contextos e práticas culturais dos alunos. O conceito de *multiletramentos* é proposto como alternativa ao ensino padronizado e descontextualizado. As plataformas analisadas, ao desconsiderarem essa diversidade, reforçam um modelo transmissivo e homogêneo, que tende a excluir sujeitos cujas vivências não se alinham ao padrão linguístico, tecnológico ou sociocultural dominante.

Outro ponto recorrente nas falas das docentes da pesquisa de Marson e Camargo (2024) diz respeito à dificuldade das plataformas em promover engajamento real. Professores relataram que “os alunos têm dificuldade para entender os vídeos” (P4), que “as linguagens não são contextualizadas” (P5) e que “não há um conteúdo a ser aprendido, ensinado” (P9). Tais percepções revelam crenças sobre a baixa eficácia pedagógica das plataformas, quando os materiais são apresentados como neutros e universais, sem considerar os níveis de proficiência, interesses e repertórios sociolinguísticos dos estudantes.

Além disso, a própria estrutura das plataformas, ao privilegiar atividades mecânicas e de resposta automática, restringe o espaço para práticas colaborativas e interativas - essenciais ao desenvolvimento da oralidade, da escuta ativa e da produção significativa em língua inglesa. Como lembra Freire (1996), em *Pedagogia da Autonomia*, ensinar exige escuta, diálogo e respeito à autonomia do sujeito. Plataformas que ignoram esses princípios correm o risco de se tornarem mecanismos de exclusão, e não de inclusão.

Portanto, tanto os dados referentes à Plataforma *Inglês Paraná* (Marson; Camargo, 2024) quanto os resultados da pesquisa sobre a *Mais Inglês* em Mato Grosso (Silva, 2023) revelam que as tecnologias educacionais, embora promissoras, falham ao não dialogar com as condições reais de aprendizagem. O discurso institucional que apresenta essas plataformas como soluções neutras ou técnicas para o ensino de inglês oculta as relações de poder que sustentam sua concepção, implementação e avaliação, reforçando a posição passiva dos alunos e o esvaziamento da autoridade pedagógica dos professores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos discursos revelou estratégias explícitas e sutis de representação que legitimaram ou contestaram posições sociais, mostrando como as identidades discursivas influenciaram a forma de compreender a realidade. Inspirada na crítica de Gayatri Spivak, observou-se que a representação é também uma disputa pelo direito de falar em nome do outro - e que, mesmo

quando o discurso busca dar voz aos marginalizados, muitas vezes reforça estruturas de dominação, pois o subalterno continua sem espaço legítimo de fala.

A Análise do Discurso (AD), articulada às contribuições de Theo van Leeuwen e Spivak, demonstrou que as representações midiáticas não são neutras: elas refletem ideologias e relações de poder que moldam a percepção social. O discurso jornalístico, entendido como prática social, atua na interseção entre linguagem, poder e sentido, e a mídia, ao mediar acontecimentos, constrói realidades sob a aparência de objetividade.

Nas reportagens sobre políticas públicas educacionais em Mato Grosso, identificou-se a presença da racionalidade neoliberal. O discurso da excelência e do mérito tratou a educação como produto, o professor como agente produtivo e o aluno como empreendedor de si, deslocando o foco das condições estruturais para a responsabilidade individual.

A análise das reportagens da Seduc-MT, *Olhar Direto* e *R7* mostrou representações ambíguas dos estudantes: ora como protagonistas do processo educativo, ora como receptores passivos das ações governamentais. Assim, o discurso midiático revelou tensões entre visibilidade e apagamento, autonomia e controle, reafirmando a importância da AD como ferramenta crítica para compreender as relações entre linguagem, poder e educação.

As reportagens destacaram, com frequência, a atuação dos estudantes na superação de dificuldades e no uso da tecnologia como facilitadora da aprendizagem. No primeiro texto, publicado pela Seduc-MT, foram encontrados trechos que exemplificaram essa tendência discursiva:

*“a plataforma **capacita** os estudantes para superarem as dificuldades impostas pela dislexia”*
(linha 4),
*“os estudantes podem **personalizar** as configurações de acordo com suas necessidades”*
(linha 7).

Nesses enunciados, observaram-se evidências de ativação discursiva, conforme a tipologia proposta por van Leeuwen, na medida em que os alunos foram representados como sujeitos da ação: personalizaram, superaram e desenvolveram-se. Esse movimento, por um lado, indicou uma intenção de conferir protagonismo aos estudantes e valorizar sua autonomia. Por outro lado, conforme advertia Spivak, foi necessário distinguir entre a representação política - associada à fala e à agência - e a representação discursiva, que limitou os sujeitos a imagens construídas por outros. Ainda que os estudantes tenham sido retratados como ativos, o discurso permaneceu elaborado sem sua escuta direta, o que sugeriu que essa agência esteve mais relacionada a um modelo idealizado de sujeito aprendente do que a uma experiência concreta, construída a partir da realidade dos próprios alunos.

Nesse ponto, Santana *et al.* (2022) ressoou a análise de estudos anteriores sobre discursos semelhantes em plataformas educacionais, que apontaram mecanismos discursivos equivalentes na representação dos sujeitos escolares:

No campo semântico, observamos processos que defendem o caráter transformador da inserção das tecnologias em sala de aula [...], mas também processos em que estudantes são representados como atores passivos e beneficiados pelos processos realizados pelo Estado ou pela Plataforma. (p.13)

Assim, embora os estudantes tenham sido representados como agentes ativos, essa construção pareceu seguir uma lógica institucional que os inseriu em um roteiro previamente delineado, sem que houvesse indícios de participação direta, escuta ou coautoria no processo.

Ao lado da ativação, observou-se a presença de frases construídas em voz passiva, nas quais os alunos apareceram como receptores das ações do governo ou como objetos de análise técnica. A segunda e a terceira reportagens, por exemplo, apresentaram frases como:

“com base nos resultados obtidos em sala de aula com o uso da Plataforma Mais Inglês” (Olhar Direto, linha 2),
“a Plataforma Mais Inglês, que é ofertada pela Secretaria de Estado de Educação” (R7, linha 3),
“definição dos professores pesquisadores da Universidade de Harvard” (R7, linha 4).

Nesses exemplos, percebeu-se que a ação foi deslocada para o campo institucional - Seduc, governo, pesquisadores - enquanto os alunos surgiram como instrumentos de medição ou como destinatários das políticas públicas. A passivação, segundo a tipologia de Leeuwen, constituiu um recurso discursivo que pôde tanto atenuar responsabilidades quanto centralizar a ação em outros atores, retirando a agência dos sujeitos representados.

Estudos anteriores, como Santana *et al.* (2022) observaram essa tendência, indicando que esse tipo de construção discursiva reforçou a centralidade institucional em detrimento da participação direta dos estudantes:

A primeira tendência pode ser observada em 15 dos 25 excertos, onde estudantes são representados como atores passivos e beneficiados pelos processos realizados pelo Estado ou pela Plataforma. (p.19)

A análise das reportagens evidenciou que o uso de verbos como *“obtidos”*, *“foi ofertada”* e *“foi identificada”* reforçou a autoridade institucional e reduziu o estudante à posição de mero receptor das ações da política pública. Também foi observada uma instância de supressão, quando o agente da ação foi ocultado, eliminando a responsabilidade discursiva e limitando a autocrítica institucional.

De modo geral, os discursos sobre a Plataforma Mais Inglês revelaram um modelo híbrido de representação dos estudantes: ora como sujeitos ativos, ora como receptores passivos. Essa dualidade mostrou tanto o potencial de incentivo ao protagonismo quanto a persistência de uma lógica hierárquica e centralizada nas políticas educacionais.

Inspirando-se na perspectiva de Spivak (1988), pôde-se questionar: os alunos da rede pública realmente tiveram voz nesse processo? E, à luz de estudos anteriores, refletiu-se sobre a importância de romper com o senso comum tecnicista que considerava a tecnologia um bem universal e neutro:

Defendemos que pesquisas que abordem a tecnologia em sala de aula sejam orientadas por epistemologias críticas [...], buscando a conscientização sobre relações de poder e conflitos de interesse que permeiam o campo educacional. (p.23)

Assim, reconhecer os avanços sem desconsiderar os limites das representações discursivas representou o caminho mais equilibrado para fortalecer políticas educacionais mais democráticas, dialógicas e efetivamente inclusivas.

A tabulação dos dados discursivos extraídos das três (3) reportagens - veiculadas nos portais Seduc-MT (10/10/2023), *Olhar Direto* (14/03/2024) e R7 (13/03/2024) - permitiu visualizar com maior nitidez as escolhas linguísticas e as estratégias de representação dos estudantes da rede pública mato-grossense, conforme a tipologia proposta por Theo van Leeuwen. O quadro comparativo sintetizou a frequência com que os alunos foram representados por meio dos mecanismos de ativação, passivação, supressão e encobrimento.

Quadro 2 – Resumos das representações

Tipo de Representação (Van Leeuwen)	1ª Reportagem Seduc-MT (10/10/2023)	2ª Reportagem Olhar Direto (14/03/2024)	3ª Reportagem R7 (13/03/2024)	Total Geral
Ativação	8	4	1	13
Passivação	3	5	3	11
Supressão	1	0	0	1
Encobrimento	0	0	0	0

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

De maneira geral, observou-se uma maior frequência de ativação dos estudantes na primeira reportagem (Seduc-MT), que reuniu oito (8) ocorrências desse tipo de representação. A ativação, conforme a tipologia de Leeuwen, ocorreu quando os atores sociais foram representados como agentes de ações. Essa estratégia discursiva contribuiu para a construção de um *ethos* de protagonismo estudantil, como demonstraram os trechos:

“os estudantes *podem personalizar* as configurações de acordo com suas necessidades” (linha 7),

“a plataforma **capacita** os estudantes para superarem as dificuldades impostas pela dislexia” (linha 4).

Tais enunciados sugeriram uma valorização das capacidades dos estudantes e de seu envolvimento ativo no processo de aprendizagem. No entanto, conforme apontou Gayatri Spivak, foi importante distinguir entre representar alguém e permitir que essa pessoa falasse por si própria. Nesse sentido, embora o discurso oficial tenha atribuído agência aos alunos, essa agência foi construída a partir da fala institucional, e não necessariamente da participação efetiva dos sujeitos representados.

A passivação apareceu em 11 ocorrências no total, distribuídas de forma relativamente equilibrada entre as três reportagens. De acordo com a tipologia de Leeuwen, essa forma de representação deslocou a ação do sujeito representado, colocando-o como alvo ou efeito de decisões tomadas por outros atores - geralmente o Estado, os pesquisadores ou a própria plataforma.

Exemplos incluíram:

“é **ofertada** pela Secretaria de Estado de Educação... às escolas da Rede Estadual” (Olhar Direto, linha 3),
“resultados **obtidos** em sala de aula com o uso da Plataforma Mais Inglês” (R7, linha 2).

Os discursos analisados mostraram que os alunos foram, em geral, retratados como receptores de ações já definidas, e não como participantes das decisões pedagógicas. Essa representação reforçou uma agência atribuída, mas não construída a partir de suas próprias vozes.

A supressão apareceu apenas uma vez, quando o agente da ação foi omitido, o que suavizou críticas institucionais. Embora os agentes governamentais tenham sido nomeados, os estudantes raramente falaram por si, confirmando o alerta de Spivak sobre a dificuldade de grupos subalternos em ter voz nas instâncias de poder.

A análise revelou duas tendências: uma ativadora, que buscou mostrar protagonismo estudantil, e outra institucional, que os tratou como objetos de avaliação e investimento. Esse equilíbrio discursivo sinalizou esforço do governo em unir tecnologia e inclusão, mas ainda sem garantir real participação estudantil.

Assim, conclui-se que a política da Plataforma Mais Inglês poderia ser fortalecida por práticas efetivas de escuta e envolvimento dos alunos, valorizando suas experiências e tornando-os, de fato, sujeitos ativos no processo educacional.

Quadro 3 – Frases com Representação por Ativação

"...é uma ferramenta educacional inclusiva e inovadora que auxilia alunos com transtorno de aprendizagem..."
"A plataforma está disponível desde 2022 nos Chromebooks para estudantes a partir do 8º ano..."
"...a plataforma capacita os estudantes para superarem as dificuldades impostas pela dislexia..."
"...permitindo que esses estudantes superem as barreiras impostas pela dislexia."
"Os estudantes podem personalizar as configurações de acordo com suas necessidades..."
"...ajudam os estudantes a desenvolver habilidades de leitura e escrita em inglês."
"...respeita o ritmo de aprendizado de um estudante disléxico, também é benéfica para estudantes com deficiência auditiva..."
"Garantimos que cada aluno tenha uma experiência adaptada às suas necessidades individuais."
"Mato Grosso poderá se tornar referência nacional e internacional..." (<i>estudantes como base de sucesso</i>)
"Desde dezembro de 2023 eles realizam uma pesquisa... visitando escolas da rede..." (<i>alunos como parte ativa da observação</i>)
"...que atende os estudantes a partir do 8º ano..."
"É uma educação personalizada e adaptativa. Estamos verificando... seu resultado em larga escala." (<i>os alunos aparecem como sujeitos que geram resultado</i>)
"...escolas da rede estadual apresentam aumento significativo na proficiência dos estudantes..."
Total de frases com ativação: 13

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

No Quadro 2, os alunos da rede pública de Mato Grosso foram representados como agentes ativos - capazes de “fazer”, “superar” e “personalizar” - segundo a tipologia de Theo van Leeuwen. Essa ativação discursiva conferiu aparência de protagonismo, mas não se traduziu em participação real, pois os estudantes não foram consultados nem tiveram voz direta no processo.

Conforme alerta van Leeuwen (2008), a ativação pode gerar uma inclusão aparente, em que os sujeitos são representados como autônomos, mas continuam subordinados a uma instância superior. Assim, os alunos foram “ativados” apenas simbolicamente, dentro de uma narrativa controlada pela Secretaria de Educação, que manteve o poder de definir seus papéis.

A leitura à luz de Spivak reforça essa crítica: os estudantes foram representados pela *Darstellung* (fala sobre o outro), e não pela *Vertretung* (fala em nome próprio). Ou seja, foram descritos como participantes, mas sem voz política efetiva - uma forma de paternalismo discursivo, em que o Estado “permite” e “capacita” o agir dos alunos.

Essa representação configurou uma ativação mediada, em que a visibilidade dos estudantes escondeu sua exclusão real do debate, criando a ilusão de protagonismo e evidenciando a tensão entre ativação e subalternidade no discurso educacional.

Em contraste com o engajamento ativo evidenciado anteriormente, algumas falas revelaram uma postura mais passiva diante da política educacional, na qual os estudantes se posicionaram como receptores das ações propostas, com pouca ou nenhuma agência sobre o processo. Essas expressões refletiram uma participação limitada e uma relação distanciada com a Plataforma. O Quadro 3 a seguir reuniu frases que exemplificaram essa representação por passivação:

Quadro 4 – Frases com Representação por Passivação

“A Plataforma Mais Inglês MT, disponibilizada pela Secretaria de Estado de Educação (Seduc-MT) aos estudantes da rede estadual...”
“...os professores também estão sendo qualificados para dar o suporte individualizado...” (<i>ação centrada no professor; estudantes aparecem como foco secundário</i>)
“...levando em consideração as dificuldades enfrentadas por estudantes...”
“...foi tratada da mesma forma como se todos fossem iguais.” (<i>agente anterior suprimido</i>)
“...com base nos resultados obtidos em sala de aula com o uso da Plataforma Mais Inglês...”
“...é ofertada pela Secretaria de Estado de Educação... às escolas da Rede Estadual”
“Buscamos... identificar como tem sido a aprendizagem com esse processo implantado pela Seduc.” (<i>estudantes como objeto da análise</i>)
“O Governo já investiu mais de R\$10 milhões nesta ação... que traz um diferencial no aprendizado...” (<i>alunos como implicados no efeito, não como sujeitos</i>)
“Esse reconhecimento... mostra que a Seduc está no caminho certo para alcançar a meta...”
“...tendo como base os resultados obtidos em sala de aula com o uso da Plataforma...”
“...a Plataforma Mais Inglês, que é ofertada pela Secretaria de Estado de Educação...”
“...definição dos professores pesquisadores da Universidade de Harvard...” (<i>estudantes como objeto do discurso técnico</i>)
Total de frases com passivação: 12

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

A análise das formulações discursivas presentes no Quadro 3 - *Frases com Representação por Passivação* evidenciou como os estudantes da rede pública de Mato Grosso foram representados de forma recorrente como sujeitos passivos dentro do campo educacional. Essa representação, segundo Leeuwen (2008), caracterizou-se pela passivação dos atores sociais, ou seja, pela construção gramatical e semântica que os posicionou como aqueles que sofreram a ação, em vez de realizá-la.

No *corpus* analisado, a passivação se manifesta por meio de expressões como:

“A Plataforma Mais Inglês MT, disponibilizada pela Secretaria de Estado de Educação (Seduc-MT) aos estudantes...”

“...é ofertada pela Secretaria de Estado de Educação... às escolas da Rede Estadual.”

“Buscamos... identificar como tem sido a aprendizagem com esse processo implantado pela Seduc.”

A análise revelou que os alunos foram representados principalmente como beneficiários passivos de uma política pública imposta de forma vertical, sem participação nas etapas de formulação, implementação ou avaliação. Segundo Theo van Leeuwen, essa passivação discursiva tem função ideológica, pois retira a agência dos sujeitos e reforça a autoridade estatal, tornando invisíveis outras vozes que poderiam disputar sentidos ou propor alternativas.

As frases analisadas mostraram como o discurso institucional posicionou o Estado e os pesquisadores como intérpretes das experiências estudantis, excluindo os alunos do direito de falar por si mesmos. Essa prática ilustra o que Gayatri Spivak denomina “violência epistêmica”, em que o

saber legítimo é monopolizado por instâncias de poder e o conhecimento dos grupos subalternizados é desconsiderado ou substituído por discursos oficiais.

A ênfase em instituições externas, como universidades e órgãos técnicos, reforçou uma hierarquia do conhecimento, em que o saber científico prevaleceu sobre a experiência cotidiana dos estudantes. Dessa forma, os alunos foram transformados em objetos de estudo, e não reconhecidos como sujeitos com saberes e experiências válidas, aptos a contribuir com o processo educacional.

Essa lógica discursiva sustentou uma cultura institucional centralizadora e paternalista, que priorizou o controle e a regulação em detrimento da escuta e do diálogo, limitando a construção de políticas educacionais democráticas e participativas. Ao representar os estudantes como receptores de ações, o discurso reforçou a dependência das decisões tomadas “de cima” e restringiu seu protagonismo.

Por fim, a comparação entre os Quadros 2 e 3 evidenciou uma tensão entre ativação simbólica e passivação efetiva. Embora os alunos tenham sido retratados como agentes ativos em alguns trechos, essa agência mostrou-se apenas aparente, sem voz ou participação real, revelando a persistência de desigualdades discursivas e de poder no campo educacional.

Essa constatação está diretamente alinhada com a crítica desenvolvida por Pedro Santana et al. (2022), ao analisarem o discurso de lançamento da Plataforma *Inglês Paraná*:

Observamos processos relacionados aos benefícios cedidos aos estudantes (é ofertado, são auxiliados, recebem suporte, são atendidos) [...] onde estudantes são representados como atores passivos e beneficiados pelos processos realizados pelo Estado ou pela Plataforma (Santana *et al.*, 2022, p. 19).

Essa leitura confirmou que, mesmo onde houve linguagem de ativação, como no Quadro 2, os estudantes foram representados como beneficiários de um sistema pré-formatado, e não como agentes de decisão. Em outras palavras, os verbos ativos mascararam uma estrutura discursiva de exclusão participativa: o aluno apareceu fazendo, mas não foi ouvido nem consultado - ele apenas reagiu à tecnologia que lhe foi imposta.

Na perspectiva de Spivak (1988), isso aproximou-se do conceito de *Darstellung* (representação discursiva), em oposição à *Vertretung* (representação política). A autora questionou: “*Pode o subalterno falar?*” - e o que se observou nesses discursos foi justamente a impossibilidade do aluno da rede pública ser autor de sua própria experiência. As reportagens falaram dele, por ele, mas nunca com ele. A ausência de escuta dos alunos revelou a manutenção de uma estrutura em que os sujeitos populares foram representados, mas não participaram da construção discursiva.

Adicionalmente, o artigo de Santana *et al.* denunciou o pano de fundo ideológico e econômico que sustentou tais representações:

É preciso reconhecer o interesse mercadológico por trás da visão individualista e onipresente do papel das TDICs em ambientes educacionais, bem como contrapor discursos acadêmicos que se alinham a esses interesses corporativos da indústria de tecnologia educacional (Santana *et al.*, 2022, p.23).

A crítica foi incisiva ao sugerir que a tecnologia educacional, longe de neutra, atuou como vetor de controle e padronização, mascarado sob o discurso da personalização e da inclusão. O aluno foi representado como quem “*podia personalizar*”, “*superou dificuldades*” e “*acessou conteúdos*” - mas isso ocorreu dentro de um ambiente rigidamente estruturado, desenhado sem sua voz.

Theo van Leeuwen advertiu que a ativação sem agência real foi uma técnica discursiva comum em discursos institucionais:

Ativar um ator social no discurso não significa necessariamente conceder-lhe poder real; o discurso pode construir ações apenas imaginadas ou desejadas (Van Leeuwen, 2008, p. 42).

Essa ativação fictícia ficou evidente em frases como:

“*Os estudantes **podem personalizar** as configurações de acordo com suas necessidades.*”
“*A plataforma **capacita** os estudantes para superarem as dificuldades.*”

Essas ações foram normativamente atribuídas aos alunos, mas derivaram da lógica da ferramenta, e não de sua escuta ou de sua realidade concreta.

Já no Quadro 3, com predominância da passivação, os estudantes foram representados quase exclusivamente como objetos de políticas, investimentos, análises e validações externas, como ilustraram frases como:

“*A Plataforma Mais Inglês MT, **disponibilizada** pela Seduc-MT aos estudantes...*”
“***Buscamos** identificar como tem sido a aprendizagem...*”
“*Resultados **obtidos** em sala de aula...*”

A construção dessas frases reforçou o estatuto subalterno dos alunos, segundo Spivak, pois mesmo os indicadores de sucesso foram mensurados de fora para dentro, por pesquisadores, técnicos ou gestores, e não foram baseados em narrativas dos próprios estudantes.

Santana *et al.* alertaram:

Tais discursos sobre a tecnologia educacional são reiterados pela academia e pelos meios de comunicação. Fica evidente a noção de senso comum de que a tecnologia é inerentemente benéfica para a educação, desqualificando professores ao tratá-los como substituíveis e incompletos (Santana *et al.*, 2022, p.23).

De modo semelhante, os estudantes foram retratados de maneira positiva, porém restrita a uma função instrumental, vinculada ao êxito da plataforma e ao alcance das metas institucionais. Não foram apresentados como sujeitos educacionais plenos, com voz e direitos discursivos ou políticos reconhecidos.

A análise conjunta dos dois quadros evidenciou que ativação e passivação, embora distintas em estrutura, atuaram de forma complementar na sustentação de um discurso tecnocrático e verticalizado, em que os alunos apareceram como figuras simbólicas - ora ativos, ora passivos -, mas raramente como participantes efetivos do processo. As reflexões de van Leeuwen, ao problematizar a representação estratégica dos atores sociais, e de Spivak, ao denunciar o silenciamento do subalterno, convergiram para mostrar que o discurso da inclusão tecnológica pode, na prática, reproduzir formas sutis de exclusão política e epistêmica.

Como alertam Santana *et al.* (2022), é fundamental que os discursos sobre tecnologia educacional sejam orientados por epistemologias críticas e comprometidas com a justiça social, a fim de evitar que a retórica da inovação sirva para perpetuar desigualdades e silenciar vozes historicamente marginalizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo retomou a problemática da representação discursiva das políticas públicas voltadas ao ensino de Língua Inglesa na rede pública estadual de Mato Grosso, com ênfase nas reportagens institucionais que divulgaram ações da gestão educacional. O objetivo principal foi analisar como o discurso oficial construiu essas políticas e identificar quais sujeitos foram silenciados nesse processo comunicativo.

Os resultados indicaram que o discurso institucional posicionou o Estado como agente central e ativo, enquanto os estudantes foram representados de forma passiva, como receptores das ações governamentais. Essa configuração discursiva reforçou uma relação hierárquica, na qual os sujeitos escolares não apareceram como protagonistas de suas trajetórias, mas como alvos de decisões e programas formulados verticalmente.

A análise revelou uma narrativa midiática marcada pela celebração de investimentos em intercâmbios e tecnologias educacionais. Embora tais iniciativas tenham valorizado experiências internacionais para alguns, acabaram por ocultar desigualdades no acesso e nas condições reais de aprendizagem enfrentadas por grande parte dos estudantes. A promessa de um ensino personalizado e adaptativo mostrou-se limitada por fatores estruturais, como a precariedade da conectividade, a escassez de recursos tecnológicos e a exclusão de grupos historicamente vulnerabilizados — entre

eles, estudantes indígenas, pessoas com deficiência, moradores de áreas rurais e populações de baixa renda.

Verificou-se que o discurso oficial buscou legitimar as políticas educacionais por meio de validações externas, desconsiderando os saberes e vivências locais. Essa prática contribuiu para o apagamento das experiências escolares cotidianas e restringiu o protagonismo dos sujeitos diretamente envolvidos na dinâmica educacional.

Entre as limitações do estudo, reconhece-se que, embora os objetivos propostos tenham sido alcançados, o trabalho se destacou pela delimitação do corpus às reportagens institucionais disponíveis. Recomenda-se, para pesquisas futuras, a realização de entrevistas com professores e estudantes, de modo a ampliar a escuta ativa e compreender, de forma mais aprofundada, os efeitos das políticas públicas na experiência escolar concreta.

Por fim, esta pesquisa buscou contribuir para o campo da Educação e da Análise do Discurso, ao evidenciar os mecanismos simbólicos de poder presentes na comunicação institucional. Os resultados apontam para a urgência de práticas mais democráticas, participativas e inclusivas na formulação e divulgação das políticas educacionais, em consonância com os princípios de uma gestão pública voltada à equidade e à valorização das múltiplas vozes que compõem o espaço escolar.

REFERÊNCIAS

LAVAL, C. A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público. Tradução de André Telles. São Paulo: Boitempo, 2019.

MARSON, L. C.; CAMARGO, R. C. M. Crenças de professoras sobre o uso da Plataforma Inglês Paraná. **Revista Linguagens & Cidadania**, [s.l.], v. 26, n. 1, p. 66–84, 2024. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/linguagens/article/view/7046>. Acesso em: 8 jul. 2025.

OLHAR DIRETO. **Seduc investe em ensino de inglês com plataforma digital e tecnologia assistiva.** Cuiabá, 14 mar. 2024. Disponível em: <https://www.olhardireto.com.br/>. Acesso em: 8 jul. 2025.

PAVEAU, M. A. **L'analyse du discours numérique: dictionnaire des formes et des pratiques.** Paris: Hermann, 2017. Disponível em: <https://shs.cairn.info/l-analyse-du-discours-numerique--9782705693213?lang=fr>. Acesso em: 30 out. 2025.

R7. Aluna cega de MT conquista vaga em intercâmbio após usar plataforma de inglês da rede pública. São Paulo, 13 mar. 2024. Disponível em: <https://www.r7.com/>. Acesso em: 8 jul. 2025.

SANTANA, P. A. R.; SANTANA, N. S.; FIGUEIREDO, D. C. Uma ferramenta que veio inovar o ensino da língua inglesa na rede pública: análise crítica do discurso da notícia de lançamento da Plataforma Inglês Paraná. **Estudos de Linguagem**, v. 75, n. 3, p. 1–18, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/47485>. Acesso em: 8 jul. 2025.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MATO GROSSO (SEDUC-MT). **Plataforma Mais Inglês amplia acesso ao ensino de língua inglesa na rede pública estadual**. Cuiabá, 10 out. 2023. Disponível em: <https://www.seduc.mt.gov.br/>. Acesso em: 8 jul. 2025.

SELWYN, N. **Education in a digital world: global perspectives on technology and education**. New York: Routledge, 2013.

SILVA, S. G. da. **O ensino da língua inglesa através da Plataforma Mais Inglês em MT**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Inglês) – Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Guarapuava, 2023. Disponível em: https://sguweb.unicentro.br/app/webroot/arquivos/atsubmissao/TCC_SABRINA_GOES_CORRIGIDO.pdf. Acesso em: 8 jul. 2025.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VAN LEEUWEN, T. **Introdução à análise do discurso: teoria e prática**. Tradução de Maria Inês Baptista. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

Informações sobre o Artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese: não se aplica.

Fontes de financiamento: não se aplica.

Apresentação anterior: não se aplica.

Agradecimentos/Contribuições adicionais: não se aplica.

Jose Isavam Oliveira Silva

Doutorando em Estudos de Linguagem (PPGEL/UFMT) e mestre em Letras (Unemat, 2024). Licenciado em Letras (Português/Inglês) e Pedagogia. É professor efetivo de Inglês na rede estadual de Mato Grosso (Seduc-MT), na Escola Estadual Oscar Soares.

E-mail: jose.silva31@sou.ufmt.br

ORCID: [0009-0005-2026-7129](https://orcid.org/0009-0005-2026-7129)

Juliana Faltz Taborelli

Doutoranda e mestre em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), licenciada em Letras (Português/Inglês) pela mesma instituição. Professora da rede estadual de ensino de Mato Grosso (Seduc-MT), atua nas áreas de estudos discursivos, políticas linguísticas, formação de professores e ensino de língua inglesa na escola pública.

E-mail: juliana.taborelli@sou.ufmt.br

ORCID: [0009-0006-9215-2475](https://orcid.org/0009-0006-9215-2475)

Danie Marcelo de Jesus

Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC-SP (2007) e mestre em Educação pela UFMT (2000). Professor associado IV da Universidade Federal de Mato Grosso, com experiência em Linguística Aplicada, atuando em temas como ensino de inglês, racismo, inclusão, gênero, sexualidades e ensino de línguas para pessoas com deficiência. Atualmente é coordenador de área de Língua Inglesa do PIBID e editor-chefe da área de Linguística da revista *Polifonia*.

E-mail: daniejesus@ufmt.br

ORCID: [0000-0002-6547-5037](https://orcid.org/0000-0002-6547-5037)